

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

CRISLAINI DA SILVA DIAS

**A FUNÇÃO E O COMPORTAMENTO DO TRAÇO NASAL EM YAATHE, LÍNGUA
INDÍGENA BRASILEIRA**

Maceió

2017

CRISLAINI DA SILVA DIAS

**A FUNÇÃO E O COMPORTAMENTO DO TRAÇO NASAL EM YAATHE, LÍNGUA
INDÍGENA BRASILEIRA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para o título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Januacele da Costa

Maceió

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho



D541f Dias, Crislaini da Silva.
A função e o comportamento do traço nasal em yaathe, língua indígena brasileira
/ Crislaini da Silva Dias. - 2019.
43 f.

Orientadora: Januacele Francisca da Costa.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 42-43.

1. Índios da América do Sul - Brasil - Línguas. 2. Yaathe (Língua indígena) -
Fonologia. 3. Nasalidade (Fonética). I. Título.

CDU: 81'342.57

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	--	--

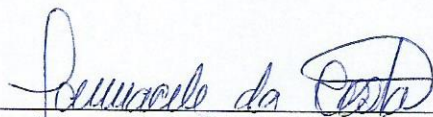
TERMO DE APROVAÇÃO

CRISLAINI DA SILVA DIAS

Título do trabalho: “A FUNÇÃO E O COMPORTAMENTO DO TRAÇO NASAL EM YAATHE, LÍNGUA INDÍGENA BRASILEIRA”.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

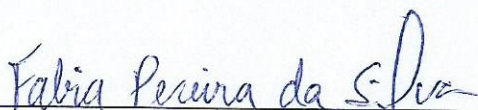


Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



Prof. Dr. Miguel José Alves de Oliveira Júnior (PPGLL/Ufal)



Profa. Dra. Fábria Pereira da Silva (Ufal)

Maceió, 25 de setembro de 2017.

Ao meu indiozinho, vizinho, Zé Calunga; e a
minha mãe, Edneide, fonte de garra e amor.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão da minha bolsa de pesquisa, e ao Programa de Pós-Graduação de Letras e à Faculdade de Letras.

A minha mãe acadêmica, Januacele, que tem me aturado desde a graduação e durante esse tempo, com toda paciência do mundo e com muita doçura, tem me conduzido e me orientado a ser uma pessoa melhor, tanto na vida pessoal, quanto na acadêmica.

Ao professor Miguel Oliveira, que também me acompanha desde a graduação e sempre se mostra disposto a me ajudar. Ao professor Jair Barbosa, pelas sugestões para melhoria deste trabalho.

Ao povo Fulni-ô pela colaboração na pesquisa e pelo carinho ofertado nos momentos em que estive na aldeia. Em especial, à Fábria Fulni-ô pela parceria, ensinamentos, orientações para a melhoria deste e de outros trabalhos.

Ao povo de Águas Belas, pelo abrigo, carinho e alegrias, agradeço mais precisamente a, Maria José, Celsa e Nazaré, pelo carinho maternal; Carol, Lara, Diogo, Selma, Claudeane e Fábio, pelas boas companhias e aventuras; Sofia e Alice, por serem uma fofura e por proporcionarem risos tão genuínos.

Aos pesquisadores do grupo FonUfal, pelos encontros e ricas discussões, que direta ou indiretamente ajudaram em minha formação acadêmica. Em especial, agradeço a Musiliyu Oyedeji, que é um amor, sempre se mostrando disposto a nos ajudar e a nos socorrer nos momentos mais precisos. Agradeço também a Eronilma Barbosa, Eliane Barbosa, Adriana Tibana, Aline Vieira, Daniela, Ebson, Humberto, Júlio César, Ayane Santos e Alan René.

Às minhas irmãs acadêmicas, Ana Maria, Jeylla Salomé e Maraísa Espíndola, Selma e Mariana, pelo companheirismo que se estendeu além dos muros da UFAL, por sempre oferecerem ajuda e palavras de conforto nos momentos mais pesados.

Aos professores com os quais estudei no mestrado: Alan Jardel, Aldir de Paula, Miguel Oliveira, Januacele da Costa. Grata pelo conhecimento compartilhado.

A minha amiga de infância, Roseane Virgínio, que sempre se faz abrigo, quando preciso, que sempre tem boas músicas, bons filmes, boas histórias, que me fez sair da ‘caverna’ e abrir os olhos para o mundo.

À família Pessoa, pelo carinho de sempre, em especial, vó Therezinha, pela doçura; Luzinha, pelos cuidados maternos. A Gabriel, “my sunshine”, agradeço a paciência e o incentivo.

Aos meus pais Nelson e Edneide pela paciência, ensinamentos e amor incondicional. Aos meus irmãos Wagner e Walber, pela torcida constante. A minha sobrinha, Valesca, pelas alegrias trazidas, mesmo em momentos tão difíceis.

Agradeço a Deus por me proporcionar viver este momento tão importante, por me dar a força necessária para eu continuar seguindo esta jornada e por colocar pessoas maravilhosas em meu caminho. Muito obrigada, meu Deus!

RESUMO

Neste trabalho, buscamos descrever o comportamento e a função do traço nasal na língua indígena Yaathe, falada pelos índios Fulni-ô, aldeados em Águas Belas, Pernambuco, Brasil. Os dados utilizados são provenientes de duas fontes distintas: dados que pertencem ao Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô), coletados entre 2011 e 2013; e dados elicitados em coleta realizada em 2016, nas dependências da Universidade Federal de Alagoas. Utilizamos como base os trabalhos sobre a língua de Costa (1999), Cabral (2009) e Silva (2011; 2016). Para a descrição dos dados, partimos das teorias clássicas estruturais. Para melhor explicar os fenômenos atestados, nos apoiamos na teoria Autossegmental proposta por Goldsmith (1976) e na Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986). Este trabalho está organizado em três seções: na primeira seção, fazemos uma explanação sobre o povo e a língua dos Fulni-ô, que são informações mais etnográficas, bem como apontamos para os objetivos da pesquisa; na segunda seção, abordamos o aporte teórico utilizado em nossa pesquisa; na última seção, fazemos a descrição e análise dos dados, observando a ocorrência do traço nasal na língua, de modo a verificar qual a sua função, em termos de distintividade, bem como o seu comportamento em relação à aplicação das regras fonológicas descritas. Podemos observar que a nasalização, em trabalhos anteriores, era apenas considerada fonética, causada por regras fonológicas. Nos dados que analisamos encontramos casos em que a nasalização da vogal ocorre sem que se possa atestar aplicação de regras do ponto de vista sincrônico. Isso nos permite levantar algumas hipóteses sobre a derivação de vogais nasais, baseadas em alternâncias, principalmente, e propor que algumas dessas vogais devem ser consideradas fonemas.

Palavras-chave: Língua Indígena Brasileira; Yaathe; Fonologia; Traço Nasal

ABSTRACT

In this work, we intend to describe the behavior and function of the nasal feature in the Yaathe indigenous language, spoken by the Fulni-ô Indians, whose village is located in Águas Belas, Pernambuco, Brazil. The data used come from two different sources: one part belongs to the Documentation Project of the Brazilian Indigenous Language Yaathe (Fulni-ô), collected between 2011 and 2013; another part are elicited data collected in 2016, at the Federal University of Alagoas, to this investigation. We use as a basis the works on the language of Costa (1999), Cabral (2009) and Silva (2011; 2016). For the description of the data, we start with the classical structural theories. To better explain the attested phenomena, we rely on the Autossegmental Theory proposed by Goldsmith (1976) and on the Prosodic Phonology of Nespór and Vogel (1986). This work is organized in three sections: in the first section, we make an explanation about the Fulni-ô people and language, which are much more ethnographic informations, as well as pointing to the research objectives; in the second section, we approached the theoretical contribution used in our research; in the last section, we describe and analyze the data, observing the occurrence of the nasal feature in the language, in order to verify its function in terms of distinctiveness, as well as its behavior in relation to the application of the described phonological rules. We can observe that nasalization, in previous works, was only considered phonetic, caused by phonological rules. In the data that we analyzed we find cases in which the nasalization of the vowel occurs without being able to attest the application of rules from the synchronous point of view. This allows us to raise some hypotheses about the derivation of nasal vowels, based on alternations, mainly, and to propose that some of these vowels should be considered phonemes.

Keywords: Brazilian Indigenous Language; Yaathe; Phonology; Nasal Feature

ABREVIATURAS E SIGLAS

1SG	primeira pessoa singular
2PL	segunda pessoa do plural
2SG	segunda pessoa do singular
3PL	terceira pessoa plural
3SG	terceira pessoa singular
AG	agentivo
AUX	auxiliar
CAUS	causal
COM	conectivo
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
EXC	exclusividade
F1:	primeiro formante
F2:	segundo formante
FAC	factivo
FEM	feminino
FIN	finalidade
FUT	futuro
IMP	imperativo
IND	indicativo
INT	interrogativo
LOC	locativo
MASC	masculino
MC	marcador conversacional
O	objeto
PAC	paciente
PART	particípio
PL	plural
POSP	posposição
REF	reflexivo
S	sujeito

TEMP.SIM	temporalidade simultânea
TRAJ	trajeto
V	vogal
Û	vogal nasal

SÍMBOLOS FONÉTICOS

' acento principal

- morfema

fronteira de palavra

. fronteira de sílaba

[] transcrição fonética

// transcrição fonológica

: alongamento de vogal

~ ou

= clítico

X: unidade de tempo

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1. Hierarquia Prosódica.....	7
Figura 2. Espectrograma da palavra [ũ: ' nĩma] 'hoje'	10
Quadro 1. Inventário das consoantes em Yaathe.....	13
Quadro2. Inventário fonológico das vogais do Yaathe.....	14
Quadro 3. Inventário fonético das vogais do Yaathe.....	14
Quadro 4. Inventário das consoantes em Yaathe, acrescido do fonema [ts ^h].....	40
Quadro 5. Inventário fonético das vogais do Yaathe, acrescido de vogais nasais.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
SEÇÃO 1: BASES TEÓRICAS.....	4
SEÇÃO 2: METODOLOGIA.....	9
SEÇÃO 3: O COMPORTAMENTO DO TRAÇO NASAL EM YAATHE.....	13
3.1 Informações Básicas Sobre o Sistema Fonológico do Yaathe.....	13
3.2 Segmentos Nasais: Descrição e Comportamento Fonológico.....	15
3.2.1 Consoantes nasais.....	15
3.2.2 Vogais nasais.....	18
3.2.2.1 Restrições à regra de espriamento do traço nasal.....	27
3.2.2.2 Ocorrência de vogais nasais fora dos contextos já descritos.....	28
3.2.2.3 Vogal nasal em ditongos.....	30
3.2.2.4 Domínios de espriamento do traço nasal.....	33
3.2.2.5 Gramaticalização.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em diversidade linguística. Estima-se que só de línguas indígenas, atualmente, são faladas aproximadamente 180. Essas línguas estão classificadas em 2 troncos, Tupi e Macro-Jê; 41 famílias linguísticas; e dezenas de línguas isoladas. As línguas isoladas são aquelas para as quais não foi possível estabelecer uma relação genética com outras línguas indígenas brasileiras. Nesses pouco mais de 500 anos de contato, ou melhor, de política de extermínio das populações indígenas e/ou dos seus modos de vida, segundo Rodrigues (2003), mais de 1.000 línguas indígenas brasileiras foram extintas, cerca de 85%, uma vez que se calcula ter havido, na época em que o Brasil começou a ser explorado pelos europeus, mais ou menos 1.200 línguas. Das línguas ainda existentes, várias foram descritas, algumas apresentam estudos incipientes e muitas ainda não tiveram qualquer estudo. Nesse sentido, torna-se urgente a necessidade de trabalhos que levem à documentação ou descrição dessas línguas, que correm risco eminente de extinção.

No Nordeste do Brasil¹, os índios Fulni-ô, aldeados em Águas Belas, Pernambuco, foram os únicos que resistiram ao massacre físico-cultural promovido pelo processo colonizador, conseguindo preservar sua língua nativa, o Yaathe, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê.

Fulni-ô significa “o que tem rio”. Eles foram assim denominados pelo fato de habitarem próximo ao Rio Ipanema, um dos afluentes do Rio São Francisco. Já a designação Yaathe significa “nossa fala”. Segundo dados do Siasi/Sesai (2014), os Fulni-ô conta com uma população de aproximadamente 4.689 indivíduos. Nessa comunidade bilíngue, o Português é falado por toda a população para a maior parte de suas atividades e para o contato com a população não índia. O Yaathe desempenha forte função cultural e social.

Segundo Costa (1993), pelo menos 91,5% dessa comunidade é falante ativo ou passivo do Yaathe.

Enquanto o bilinguismo, de modo geral, estende-se por 91.4% da população da aldeia, sabemos que 64.3% desta população utiliza o Ya:thê e suas regras de uso, tanto produtiva como receptivamente, entre os do grupo, e o Português em situações sociais que envolvam o contato com o grupo de fora, a população branca da região. Em outras palavras, Português é a língua oficial, imposta e institucionalizada; Ya:thê é a língua interna. (COSTA, 1993, p. 40).²

¹ Exceto Maranhão.

² Costa (1993) grafou o nome da língua “Ya:thê”. Atualmente, a grafia consensual do nome da língua é “Yaathe”. Também o termo “branca” para se referir à população local tem sido substituído por “não índia”.

Os Fulni-ô vivem na aldeia sede, onde se localizam as escolas, igreja e pontos comerciais, mas em diversos períodos do ano, eles se deslocam para outra aldeia, o Ouricuri, que é um local sagrado, afastado alguns quilômetros da aldeia principal. Nesse local, eles se recolhem, principalmente, por três meses, uma vez por ano, entre setembro e dezembro. Pessoas não índias não participam, não podem assistir ao ritual dos Fulni-ô, tratado por eles como um segredo muito importante. Há também uma aldeia menor, denominada Xixiakhla, que se localiza a alguns quilômetros da sede, mais perto do Rio Ipanema. Todos pertencem à etnia Fulni-ô.

Para preservação e manutenção da língua e da cultura dos Fulni-ô, muitos trabalhos, como documentação e descrição linguística, treinamento e aperfeiçoamento dos professores, esforços para a construção de material didático, têm sido realizados.

Como bem enfatiza Costa (1999), “a necessidade de alfabetizar as crianças em sua língua nativa” é direito garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (1997) e pela Constituição Brasileira de 1988. Assim, no Yaathe, a modalidade escrita é utilizada nas escolas a partir de algumas propostas já existentes, como a elaborada pelas professoras Januacele da Costa e Fábria Fulni-ô, juntamente com os professores de Yaathe da Escola Estadual Indígena Fulni-ô Marechal Rondon. Entretanto, ainda não se chegou a um sistema de escrita que seja completa e plenamente aceito pela comunidade.

Ainda sobre a língua alvo aqui investigada, temos alguns trabalhos já realizados como o de Costa (1999), que se trata da descrição de aspectos morfofonológicos e morfossintáticos; de Cabral (2009), que faz uma descrição do acento lexical no Yaathe; o de Silva (2011), que faz uma análise da estrutura silábica do Yaathe; Silva (2016), que apresenta aspectos da organização prosódica no Yaathe; Sá (2017), que faz um trabalho de documentação da língua Yaathe e Sousa (2017), que apresenta um estudo acústico-experimental da duração de vogais em Yaathe; há também trabalhos com diversos enfoques na gramática da língua desenvolvidos por estudantes da graduação, como, Cabral (2007); Silva (2008); Melo (2010); Dias (2014); Sousa (2014).

Tomando como ponto de partida os trabalhos citados anteriormente, aqui buscamos descrever um aspecto fonológico do Yaathe que ainda carece de melhor conhecimento. Trata-se do comportamento do traço nasal. Isto é, procuramos verificar qual a sua função, em termos de distintividade na língua, bem como o seu comportamento em relação tanto às regras de assimilação como a ocorrências em ambientes ainda não descritos em trabalhos anteriores.

Este trabalho está organizado em três seções: na primeira, fazemos um panorama sobre dados etnográficos referentes ao povo e a língua dos Fulni-ô, bem como apresentamos os

objetivos e relevância da nossa pesquisa; na segunda seção, apresentamos o referencial teórico utilizado em nossa pesquisa; na última seção, fazemos a descrição e análise dos dados, apresentando os contextos de ocorrência do traço nasal na língua, atestando a sua função distintiva, assim como o seu comportamento em relação à aplicação das regras fonológicas nos dados descritos.

SEÇÃO 1: BASES TEÓRICAS

Subjacente à descrição dos dados e à interpretação dos resultados da análise, estão *insights* de diferentes abordagens à fonologia, bem como noções básicas de fonética articulatória e acústica. Do ponto de vista da Fonologia, tiramos proveito das abordagens clássicas estruturais para a descrição dos dados, mas também procuramos nos apoiar em teorias mais modernas, como a Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) e a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986), para uma melhor compreensão e explanação dos fenômenos descritos.

Fonética e Fonologia são as áreas dos estudos linguísticos que se ocupam com compreender e explicar a natureza e a organização dos sons da fala. Os objetivos das duas disciplinas são, porém, diferentes, conforme afirma Matzenauer:

A fonética visa ao estudo dos sons da fala do ponto de vista articulatório, verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador, ou do ponto de vista acústico, analisando as propriedades físicas da produção e propagação dos sons, ou ainda do ponto de vista auditivo, parte que cuida da recepção dos sons. A fonologia, ao dedicar-se ao estudo dos sistemas de sons, de sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se estabelece a relação “mente e língua” de modo que a comunicação se processe. (MATZENAUER, 2010, p.11).

Assim, a fonética considera todas as possíveis realizações de sons produzidos na fala do ponto de vista articulatório, acústico, físico e perceptual, enquanto que a fonologia estuda a organização desses sons em um determinado sistema fonológico.

Os sons da fala formam como um todo um contínuo sonoro, que, para fins de análise, é considerado em alguns estudos como sendo uma sequência de sons discretos (segmentável, divisível). Assim, investiga-se o fonema como unidade mínima de análise, passível de distinguir significados entre si. Acima disso, encontra-se o nível suprasegmental, no qual se considera que os segmentos comportam propriedades que vão além ou aquém dos segmentos, como a entonação e a acentuação. (SANTOS; SOUZA, 2011. p, 10).

Para estabelecer uma relação entre fonética e fonologia e, por conseguinte, descrever o funcionamento das línguas, diferentes teorias fonológicas foram surgindo com o passar do tempo. Desse modo, os estudos fonológicos foram se agrupando sob duas perspectivas: modelos lineares e modelos não lineares. Os modelos lineares analisam a fala como uma sequência de segmentos compostos por traços que têm relação de “um para um”, indicando presença ou ausência de uma determinada propriedade. Desses modelos, o que mais nos interessa para a nossa discussão é o modelo gerativo clássico, por meio do qual buscamos

compreender a noção de traços distintivos, focalizando de mais perto as propriedades do traço nasal, nosso objeto de estudo.

Como já dissemos, a fala é um contínuo sonoro que pode ser segmentado em unidades menores, caracterizadas como fonemas e, estes, por sua vez, podem ser segmentados em elementos mínimos, ou seja, em traços distintivos, que apresentam propriedades tanto acústicas, quanto articulatórias. Os segmentos, na fonologia gerativa clássica, são representados como um feixe de traços distintivos que são capazes de causar a distinção entre fonemas. Em outras palavras, os traços distintivos servem para representar melhor as características internas dos segmentos envolvidos em processos fonológicos.

No modelo de Chomsky e Halle (1968), os traços são binários, podendo marcar presença (+) ou ausência (-) de determinada propriedade para as consoantes ou vogais, por exemplo, o traço nasal tem dois valores: [+nasal] e [-nasal]. A partir da noção de traços, pode-se observar que determinadas regras são engatilhadas por um traço ou por um conjunto de traços, visto que os traços podem ser organizados em grupos, de acordo com suas propriedades acústicas ou articulatórias. Assim, tem-se os traços de classes principais: traços de cavidade, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos. Entre esses, vamos nos deter nas propriedades do traço nasal.

Na produção de segmentos com traço [+nasal] há abaixamento do véu palatino e o ar passa pela cavidade de ressonância nasal. Já um som [-nasal] é produzido sem o abaixamento do véu palatino. As matrizes de traços para as consoantes [m] e [n], conforme a abordagem gerativa clássica, são as seguintes:

[m]	[n]
$\begin{bmatrix} +cons \\ +soan \\ -cont \\ +nas \\ -cor \\ +ant \\ +alt \\ -arr \\ -bai \\ +voz \\ +tens \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} +cons \\ +soan \\ -cont \\ +nas \\ +cor \\ +ant \\ +alt \\ -arr \\ -bai \\ +voz \\ +tens \end{bmatrix}$

A partir das matrizes de traços distintivos acima, podemos notar que as consoantes [m] e [n] distinguem-se apenas em um traço de cavidade: [\pm coronal]. Apresenta o traço coronal

os sons que são produzidos com lâmina da língua elevada em relação com a posição neutra, ou seja, os sons dentais, alveolares e palatais.

De modo geral, os traços distintivos têm servido para: ordenar generalizações verdadeiras; “como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos”; estabelecer classes naturais e assim observar a proximidade ou distância entre as propriedades compartilhadas pelos segmentos e constatar que as regras se aplicam a um conjunto de segmentos relacionados e não a classes aleatórias. (MATZENAUER, 2010, 26).

Os modelos não lineares consideram que os sons da fala se organizam de forma contínua, mas de maneira ordenada, com os traços que os compõem dispostos em camadas hierárquicas. (MATZENAUER, 2010, p. 13). Dentro desse modelo não linear, encontra-se a Fonologia Autossegmental. Ao empreendermos o estudo do traço nasal na fonologia do Yaathe, encontramos subsídios para as análises na Fonologia Autossegmental e na Fonologia Prosódica, por razões que tornaremos mais claras quando da análise dos dados.

A teoria Autossegmental, proposta inicialmente por Goldsmith (1976), reformula a noção de que os segmentos são formados por um conjunto de traços desorganizados, que apresentam uma relação bijetiva. Ao rejeitar esse princípio, o autor afirma que os segmentos apresentam estrutura interna, que é organizada hierarquicamente, disposta em camadas (*tiers*). Assim, mostra que os traços podem ser manipulados de forma isolada ou em conjunto. De modo abrangente, tal teoria esclarece que: “(i) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento; (ii) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem”. (MATZENAUER, 2010, p.13). Assim, um segmento que foi apagado pode espriar seu traço para um segmento que lhe é adjacente.

Oorstendorp (2005, p. 2) descreve o pressuposto de base da teoria autossegmental da seguinte forma:

According to this theory, we can see the organisation of speech sounds in the human mind more or less like a musical score: every feature has its own part, which is to some extent independent of all other parts. Their only relation is that they are all attached to one central line, the *skeleton*, which keeps track of the time. The elements of the skeleton — which resemble the notion of a segment in certain ways — are usually depicted as x's (...).

Noções como espriamento, flutuação e estabilidade de traço são muito importantes para a compreensão de como um traço, no nosso caso o traço nasal, funciona de modo a definir contrastes fonológicos, operar em processos fonológicos, estabelecer implementações fonéticas

e, em um movimento contínuo, permitir alterações e mudanças no sistema fonológico da língua.

A Fonologia Prosódica, proposta por Nespor & Vogel (1986), propõe que a fala é organizada em um conjunto de unidades fonológicas também dispostas hierarquicamente. Essas unidades são denominadas de constituintes prosódicos. A Fonologia prosódica é considerada uma teoria em que acontecem interações. Nela, destacamos as relações de interface entre fonologia e outros componentes gramaticais, mais precisamente, intermediados pela prosódia.

Cada constituinte é uma unidade fonológica que atua com a dependência de dois ou mais membros, numa relação em que um constituinte é o dominante e os demais os dominados. (BISOL, 2010, p. 259). A Figura 1 a seguir representa a relação hierárquica e de dominância entre os constituintes prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986).

enunciado	U (do inglês <i>utterance</i>)
frase entonacional	I (do inglês <i>intonational phrase</i>)
frase fonológica	ϕ
grupo clítico	C
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

Figura 1. Hierarquia Prosódica (Fonte: BISOL, 2010, p. 260).

A sílaba é o constituinte mais baixo nessa hierarquia. Aqui, a sílaba é considerada como constituída de estrutura interna, formada por um núcleo e por elementos periféricos, como consoantes e glides. O pé métrico é constituído pela combinação de duas ou mais sílabas, sendo estabelecida a dominância entre elas, na qual uma é a dominadora e a outra ou outras, o elemento dominado. Acima do pé métrico, temos a palavra fonológica, que é a categoria que domina o pé métrico, e é nesse nível que acontecem as relações de interface entre fonologia e morfologia. Na categoria acima, encontra-se o grupo clítico, que é definido como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos numa só palavra de conteúdo”.³ Na camada seguinte, temos a frase fonológica, que é o constituinte que agrega o grupo clítico e a palavra fonológica. Assim, a frase fonológica é constituída pelos elementos que estão abaixo de sua categoria. Frase entonacional é o constituinte imediatamente mais alto, formado por um grupo de frase

³ Silva (2016) não considera que o grupo clítico constitua uma unidade prosódica necessária em Yaathe.

fonológica que apresenta um contorno de entoação. O constituinte prosódico mais alto é o enunciado, que é marcado pelo início e fim do constituinte sintático. (BISOL, 2010).

O que apresentamos até aqui são os princípios teóricos que temos em mente quando analisamos os dados para descrever, compreender e explicar a função e o comportamento do traço nasal em Yaathe. Os modelos fonológicos apontam para diferentes modos de tratar os dados. Do ponto de vista estrutural, procuramos suporte para a descrição, organizando os dados de modo a entender sua estrutura e, desse modo, podermos observar a sua distribuição na língua, distinguindo entre o que é fonológico e o que não é. A fonologia gerativa permite observar as regras que criam as alterações. Os modelos lineares nos dão uma perspectiva de observação do comportamento do traço em relação ao espriamento, flutuação, estabilidade e outras das suas propriedades. Os pressupostos da fonologia prosódica auxiliam na explicação de fenômenos de espriamento ou de restrição à aplicação de regras nos domínios da estrutura prosódica.

SEÇÃO 2: METODOLOGIA

O *corpus* que utilizamos neste trabalho compõe-se de dados oriundos de duas fontes distintas.

Uma parte, constituída por uma lista de palavras previamente selecionadas, de modo a apresentar todos os ambientes em que o traço nasal foi identificado a partir de *corpora* anteriormente compilados, como os utilizados nos trabalhos de COSTA (1999), CABRAL (2009) e SILVA (2011), e também de discurso espontâneo.

Esses dados foram coletados durante a disciplina “Seminários Temáticos em Teoria e Análise Linguística: Descrição de Línguas Indígenas”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL-UFAL), em janeiro de 2016. Nessa ocasião, dois falantes nativos de Yaathe estiveram durante uma semana na UFAL para que os alunos da disciplina pudessem efetuar trabalhos práticos de coleta, transcrição, descrição, elicitación, análise e documentação de dados linguísticos.

Os dados coletados para a análise do traço nasal são de um desses informantes, um falante adulto, do sexo masculino. A gravação dos dados de fala foi realizada mediante consentimento oral do informante e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientações do Conselho de Ética da Universidade Federal de Alagoas.

Nessa ocasião, gravamos uma lista contendo 148 palavras previamente selecionadas, conforme já mencionado, buscando-se observar a ocorrência do traço nasal. Foi solicitado ao informante que nos fornecesse as palavras traduzidas para sua língua nativa, o Yaathe. Pedimos que ele repetisse a palavra duas vezes. As falas espontâneas versaram sobre temas escolhidos pelo próprio informante e, assim, referem-se a assuntos do cotidiano do nosso consultore, como natureza e trabalho. A fala foi gravada em Yaathe e em seguida traduzida para Português pelo mesmo indivíduo.

Os dados foram gravados com o auxílio de microfones tipo headset DPA Headband 4066 em um gravador digital flash Marantz PMD661 com frequência de amostragem de 24bit/96Hz. Para que pudéssemos ter uma melhor captura do sinal acústico, a gravação foi realizada em cabine acústica, no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras/UFAL,

Durante as gravações também usamos um caderno para fazer anotações como identificação dos consultores e informações extras de apontamentos que eles enfatizavam e que julgávamos que seriam relevantes para nosso trabalho.

Ainda no curso da disciplina, os dados foram codificados e transcritos no *Praat*⁴, como podemos ver na Figura 2, a seguir:

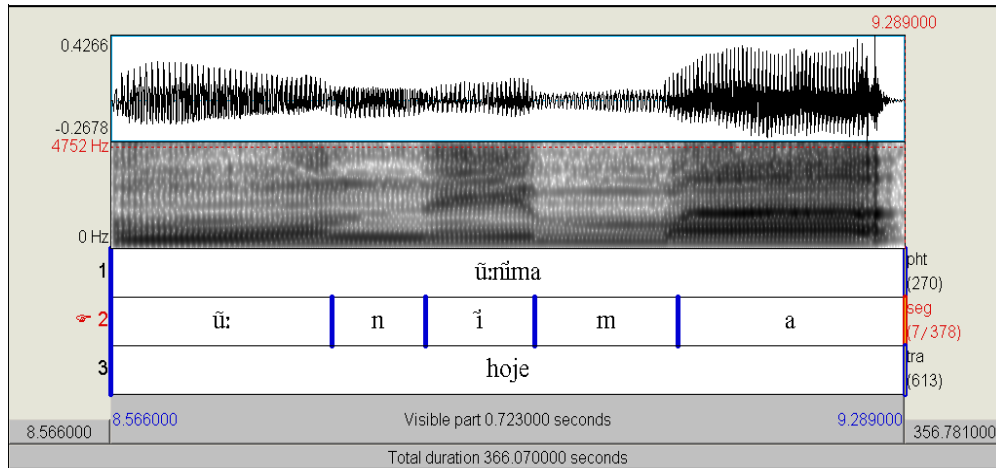


Figura 2. Espectrograma da palavra [ũ:'nĩma] 'hoje'. (Fonte: autora)

A transcrição foi feita em três fiadas (*tiers*): (i) transcrição fonética da palavra; (ii) transcrição por segmentos; e (iii) tradução para o Português.

Feita a análise desses dados, consideramos que poderíamos encontrar outras ocorrências do traço nasal em dados de discurso natural. A eliciação de palavras nos fornece dados em construções específicas a serem respondidas nas traduções dadas pelo informante. Assim, só se obtém a informação que foi solicitada. O problema de se trabalhar apenas com esse tipo de dado é que perdemos outros tipos de construções da língua. (CHELLIAN E REUSE, 2011).

Dessa forma, procuramos também trabalhar com dados diversificados, tais como discurso natural, e explorar o corpus *Projeto de Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô)*⁵. Os dados foram coletados no período entre 2011 e 2013, na aldeia Fulni-ô, município de Águas Belas, Estado de Pernambuco, Brasil. Esse *corpus* é bastante extenso e composto por listas de palavras, fala espontânea de diversos gêneros, textos escritos e manifestações culturais. Os consultores do banco de dados do Projeto são homens e mulheres falantes nativos do Yaathe que também sempre viveram na aldeia. O nome do informante é mantido em sigilo.

⁴ *Software* capaz de, entre outras funções, medir ondas sonoras, formantes, níveis de frequência e intensidade dos dados que armazenam.

⁵ Projeto financiado pelo CNPq, Edital MCT/CNPq N. 014/2010-Universal. (Processo n° 435763/2010-6), que tem por objetivo formar um banco de dados da língua Yaathe, bem como de aspectos sociais e culturais, para a preservação e manutenção da língua.

Os ambientes para a gravação dos dados foram os mais silenciosos possíveis e a coleta foi realizada com o auxílio de microfones tipo *headset* DPA Headband 4066 e um gravador digital de *flash* Marantz PMD661. Os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientações do Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas.

Sendo o banco de dados do Projeto bem abrangente, nos detivemos apenas nas listas de palavras, oito listas ao todo, e nos textos de fala espontânea, especificamente textos procedimentais e narrativas. Procuramos segmentos nasais em todos os textos do Projeto, encontrando muito poucos casos de vogais nasais diferentes das já apresentadas nos trabalhos sobre a língua que citamos neste texto.

Os estudos com fala espontânea são de extrema importância uma vez que lidam com dados reais de fala, dados mais fidedignos, que podem relevar fenômenos e situações antes não vistas em outro tipo de dado, como listas de palavras. Em exemplo ao que foi dito, em dados de narrativas espontâneas e semi-espontâneas, que pertencem ao Projeto de Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô), observamos casos específicos de nasalidade na língua Yaathe que antes não haviam sido observados em dados obtidos através de questionários ou mesmo em eliciações.

Todos os dados já se encontram nos arquivos do projeto transcritos e anotados. Para as listas de palavras, os realizadores do projeto utilizaram o aplicativo PRAAT, enquanto textos de fala espontânea, gravados em áudio e vídeo, estão transcritos e anotados no *ELAN*. Para fins de análise acústica, exportamos o arquivo do *ELAN* para o *PRAAT*.

A transcrição das listas de palavras no PRAAT apresenta cinco fiadas: i) fonética; ii) fonológica iii); iii) ortográfica; e iv) tradução. Já para as narrativas, transcritas no *ELAN*⁶, foram criadas cinco fiadas, a saber: i) texto; ii) palavra; iii) morfema; iv) glossa; e v) tradução livre.

No banco de dados, os arquivos estão dispostos em uma pasta contendo arquivo de áudio, vídeo, anotação e metadados. Metadados são as informações extras referentes ao informante e tipo de dado. Todos os arquivos estão codificados para maior facilidade de acesso, como previsto para Bancos de Dados extensos.

De modo geral, acessamos os arquivos e, para melhor identificar os ambientes de ocorrência do fenômeno que estamos estudando, fizemos um levantamento das palavras em que aparecem a nasalização e também das palavras em que a consoante nasal não engatilha a

⁶ *Software* usado principalmente para sincronizar dados de áudio e vídeo e fazer anotações de diferentes tipos.

nasalização da vogal. Para isso, separamos as ocorrências em início, meio e final de palavra. Concluída a etapa de identificação dos ambientes, iniciamos a descrição e análise dos dados.

Para a descrição e interpretação dos dados utilizados, nos guiamos por diferentes abordagens da Fonologia. Para distribuir, organizar e entender a estrutura dos dados, de modo a distinguir o que é fonético ou fonológico, partimos dos conceitos clássicos estruturais. Para melhor explicar os fenômenos encontrados, nos apoiamos na Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), que nos permitiu observar questões como o comportamento do traço em relação ao espriamento, flutuação, estabilidade; na Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) que nos auxiliou na explicação de fenômenos de espriamento ou de restrição à aplicação de regras nos domínios da estrutura prosódica.

No que concerne à organização, este trabalho está disposto em três seções: na primeira, fazemos um panorama sobre dados etnográficos referentes ao povo e a língua dos Fulni-ô, bem como apresentamos os objetivos e relevância da nossa pesquisa; na segunda seção, apresentamos o referencial teórico utilizado em nossa pesquisa; na última seção, fazemos a descrição e análise dos dados, apresentando os contextos de ocorrência do traço nasal na língua, atestando a sua função distintiva, assim como o seu comportamento em relação à aplicação das regras fonológicas nos dados descritos.

SEÇÃO 3: O COMPORTAMENTO DO TRAÇO NASAL EM YAATHE

3.1 Informações Básicas Sobre o Sistema Fonológico do Yaathe

As informações que consideramos necessárias serem esboçadas aqui para uma melhor compreensão do ponto específico do trabalho que propomos são aquelas que dizem respeito à organização básica de um sistema fonológico: inventário de fonemas, padrão silábico e processos fonológicos. Trataremos basicamente dos processos que envolvem o traço nasal.

Apresentamos o inventário de fonemas do Yaathe, conforme descrição de Costa (1999). Segundo essa autora, os fonemas do Yaathe são aqueles apresentados nos Quadros 1 e 2, a seguir.

	Labial		Coronal				Dorsal		Glotal
			+ant		-ant				
		asp		As p		asp		asp	
Não-contínuas	p	p ^h	t	d	t ^h			k	k ^h
Fricativas	f		s		ʃ				H
Africadas			ts		ts ^h	tʃ	dʒ	tʃ ^h	
Nasais	m		n						
Laterais			l		ʎ				
Aproximantes	w				j				

Quadro 1. Inventário das consoantes em Yaathe (Fonte: SILVA, 2016, p. 12)

Costa (1999) não considera [ts^h] como sendo fonema. Dado que foi encontrado pelo menos um par mínimo em dados coletados posteriormente⁷, como demonstramos com os

⁷ Esses dados fazem parte de uma lista de palavras escritas por uma falante da língua, professora de Yaathe na Escola Estadual Indígena Fulni-ô Marechal Rondon. Elicitamos a pronúncia e fizemos teste de intuição com outros falantes.

exemplos em 1), a seguir, passamos a considerar esse segmento como sendo mais um fonema na língua.

- 1)
- [ta'tsa] 'semente de abóbora'
- [ta'ts^ha] 'queixo'

Como podemos observar no Quadro 1, os únicos segmentos consonantais nasais na língua em estudo são /m/ e /n/.

Para as autoras (Idem, 1999; 2016), apenas são consideradas fonológicas as vogais abaixo:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
Altas	i	i:			u	u:
Médias altas	e	e:			o	o:
Médias baixas	ɛ				ɔ	
Baixas			A	a:		

Quadro 2. Inventário fonológico das vogais do Yaathe (Fonte: SILVA, 2016, p. 13)

No Yaathe, podemos encontrar vogais com duração breve [u i o e ɔ ɛ a] e suas correspondentes nasalizadas, exceto para as médias baixas [ɔ ɛ], ou longas [u: i: o: e: ɔ: ɛ: a:] e suas correspondentes nasalizadas, exceto, novamente, para as vogais médias baixas.

Para as vogais, a língua em estudo apresenta um sistema simétrico, pois cada vogal tem a sua correspondente, ou seja, *anterior/posterior* e *arredondado/ não arredondado*, o que a literatura mostra ser uma tendência nas línguas naturais. Segundo Costa (1999) e Silva (2016), no que concerne às vogais, o Yaathe apresenta 24 realizações, das quais, como vimos, apenas 12 são fonemas na língua. A seguir, apresentamos o inventário fonético desses segmentos.

	Anteriores				Centrais				Posteriores			
	orais		Nasais		orais		nasais		orais		nasais	
Altas	i	i:	ĩ	ĩ:					u	u:	ũ	ũ:
Médias altas	e	e:	ẽ	ẽ:					o	o:	õ	õ:
Médias baixas	ɛ	ɛ:							ɔ	ɔ:		
Baixas					A	a:	ã:	ã:				

Quadro 3. Inventário fonético das vogais do Yaathe (Fonte: SILVA, 2011, p. 25)

Note-se que das 24 realizações apresentadas no inventário acima, as realizações das médias baixas longas e todas as realizações nasais, tanto breves, quanto alongadas, são consideradas apenas fonéticas.

3.2 Segmentos Nasais: Descrição e Comportamento Fonológico

De modo geral, os segmentos nasais são produzidos com uma corrente de ar egressiva com abaixamento do véu palatino, que dispersa parte do fluxo de ar pelas cavidades de ressonância nasal e oral. Dessa forma, para efeitos acústicos, as nasais são identificadas por apresentarem o primeiro formante (F1) com frequência muito baixa, enquanto os demais formantes, conhecidos como antiformantes, são bastante leves. Tal fenômeno se dá, como já mencionado, quando ocorre abaixamento do véu palatino e o ar se dispersa tanto pela boca como pelo nariz, ao passar pela cavidade velofaríngea.

3.2.1 Consoantes nasais

Há, como vimos, duas consoantes nasais na língua: /m/ e /n/

Na apresentação dos exemplos, damos a forma fonética, a forma fonológica e a tradução. A abreviatura entre parênteses indica a origem dos dados: (EL) para dados elicitados; (PR) para dados do banco de dados do Projeto Yaahe. Outros dados que possam ser utilizados serão indicados no local.

A anotação de morfemas foi feita quando a palavra apresentar estrutura interna depreensível. Embora o acento seja considerado fonológico (SILVA, 2016), não foi marcado na transcrição fonológica, dada a sua complexidade em termos de morfemas que são acentuados e morfemas que não são acentuados lexicalmente e a interação disso com regras de atribuição de acento que consideram a estrutura silábica. Ver Silva (2016).

A consoante nasal bilabial vozeada /m/ pode ocorrer em diferentes contextos. Nos exemplos abaixo (2-4), temos /m/ ocorrendo em *onset* silábico em início de palavra e em meio de palavra (2 e 3); em coda interna (4), em sílaba acentuada (2 e 3), em sílaba não acentuada (2 e 4).

2)
['mũ.m'ja] /mum'ja/ 'vara, graveto' (EL)

3)
[tʰo:.mã.'mã:.k'ja] /tʰo:mamane -ka/ 'espantar' (EL)
espantar -IND

- 4)
 [mum.ni.'ka] /mum.ni. -ka/ 'esfregar' (EL)
 esfregar -IND

A distribuição da consoante /m/ é ampla em relação à posição na sílaba e em relação à acentuação da sílaba à qual se associa. Entretanto, no âmbito da palavra, há uma restrição: /m/ não ocorre em posição final absoluta.

Do ponto de vista fonológico, das consoantes nasais em Yaathe apenas o /m/ pode aparecer em posição de coda silábica, como atesta Silva (2011, p. 107): “A coda apresenta apenas uma posição a ser preenchida e pode ser ocupada pelos segmentos /t k k^h f s ʃ h ts **m** l w j/”.

A função distintiva de /m/ é atestada através, principalmente, da existência de pares mínimos.

- 5)
 [aema'ʃi] /a= e= ma -ʃi/ 'pise-o' (EL)
 2SGS= 3SGO pisar -IMP
- 6)
 [aeda'ʃi] /a= e= da -ʃi/ 'deixe-o' (EL)
 2SGS= 3SGO= deixar -IMP

Em relação ao comportamento do traço nasal de /m/ em regras de assimilação desse traço pela vogal precedente, não ocorre espraiamento de traço se a consoante /m/ for tautossilábica, ou seja, estiver ocupando posição de coda. Compare-se para isso os exemplos (2) e (4), aqui repetidos como (7) e (8).

- 7)
 ['mũ.mia] /mumia/ 'vara, graveto' (EL)
- 8)
 [mum.ni.'ka] /mum.ni. -ka/ 'esfregar' (EL)

esfregar -IND

Enquanto em (7) a vogal que precede o /m/ heterossilábico realiza-se como nasal, em (8) uma vogal na mesma sílaba que o /m/ realiza-se oral.

A consoante nasal alveolar vozeada /n/ ocorre em *onset* silábico, tanto em posição inicial de palavra como em posição medial.

9)

[nã:ne'ka]	/naha -ne -ka/	‘mostrar’	(ELC)
	ver -FAC -IND		

10)

[to:'nã]	/to:nã/	‘coisa, objeto’	(ELC)
----------	---------	-----------------	-------

Como podemos observar, na estrutura silábica do Yaathe a consoante nasal /n/ ocupa a posição de *onset*, podendo aparecer no início de palavra, como no exemplo em (9) ou no meio de palavra, como na segunda sílaba de (9) e em (10). Pode ocorrer em sílaba acentuada (10) e em sílaba não acentuada (9). Do mesmo modo que /m/, /n/ não ocorre em posição final de palavra.⁸ Diferente de /m/, porém, também não ocorre em coda silábica interna à palavra.

A função distintiva de /n/ é atestada através, principalmente, da existência de pares mínimos.

11)

[na'fĩ]	/nafĩ/	‘quem? (masc.)’	(EL)
---------	--------	-----------------	------

12)

[ta'fĩ]	/tafĩ/	‘dente’	(EL)
---------	--------	---------	------

Em relação ao comportamento do traço nasal de /n/ em regras de assimilação desse traço pela vogal precedente, quando a consoante /n/ ocorre no *onset* da sílaba seguinte, na mesma palavra, o traço nasal, de modo geral, espraia sobre a vogal precedente.

⁸ A língua não apresenta sílabas travadas em final de palavra, à exceção de sílabas com [w] e [j] finais.

- 13)
 [e'so] /e= so/ 'outro' (EL)
 3SGO= outro
- 14)
 [e'sõne] /e= so -ne/ 'outra' (EL)
 3SGO= outro -FEM

Observamos, quando comparamos (13) e (14), que a associação de um sufixo iniciado por /n/ torna a vogal da raiz nasalizada, que precede esse /n/ nasalizada.

Um fenômeno interessante que acontece na língua é que em alguns casos a nasalização é gerada a partir do apagamento do segmento /n/, quando é realizado como morfema /ne/. Antes de ser elidido, o morfema /ne/ espria o traço [+ nasal] para a vogal que o precede, que, além de se tornar nasalizada, é alongada por incorporar a unidade de tempo do segmento que foi elidido. Este caso será melhor tratado mais adiante, quando descrevemos os ambientes em que ocorre nasalidade.

3.2.2 Vogais nasais

Do ponto de vista acústico, as vogais podem ser identificadas pelos três primeiros formantes. A vogal nasal apresenta as mesmas características das orais, apenas lhes são acrescentadas propriedades também encontradas nas consoantes nasais, que são os anti-formantes. Os anti-formantes, característicos das nasais, são formados pela redução significativa de energia ocasionada quando o ar produzido se dispersa pela cavidade de ressonância nasal e oral, como já exposto anteriormente.

Para Costa (1999), no Yaathe todas as ocorrências de vogais nasais seriam consideradas realizações de superfície, causadas por processos fonológicos como nasalização automática e alongamento compensatório. Mas, em nossos dados encontramos vogais nasais que, a princípio, não podem ser consideradas como resultado de processos de assimilação, do ponto de vista sincrônico e em uma análise linear. Na sequência, apresentamos a descrição das ocorrências de vogais nasais.

Como a fala é um contínuo sonoro, em geral as vogais orais também podem sofrer influência articulatória quando estão circunvizinhas às consoantes nasais, assim como o

movimento do véu palatino pode receber influência de altura a depender do contexto fonético no qual se encontra.

Vogais com qualidade nasal⁹ em Yaathe foram encontradas nos casos que serão descritos a seguir.

1) Vogais nasais breves

a) antes de consoante nasal na sílaba seguinte, conforme exemplos (15) a (19).

15)	[tʰlu'tʰlũne 'fĩ]	/tʰlu'tʰlũne -fĩ/ atrapalhar -IMP	‘Atrapalhe!’	(EL)
16)	[e'sõne]	/e= so -ne/ 3SGP= irmão -FEM	‘irmã’	(EL)
17)	['tkãno]	/tkano/	‘dois’	(EL)
18)	['kʰãna]	/kʰana/	‘ainda’	(EL)
19)	[ejni'kãma]	/ejni -ka -ma/ comprar -IND -FIN	‘para comprar’	(EL)

Os dados apresentados em (15) a (19) ilustram nasalização regressiva, em que a vogal breve realiza-se nasalizada quando precede uma consoante nasal /n/ e /m/ na sílaba seguinte.

A inexistência de pares mínimos que demonstrem o contraste vogal oral/vogal nasal é a principal evidência para a constatação que [nasal] não é, a princípio, um traço fonológico da vogal. Além disso, podemos ver o traço [nasal] espreado de uma consoante nasal sobre uma

⁹ Não estamos fazendo neste ponto a distinção entre vogais nasais (fonológicas) e nasalizadas (fonéticas).

vogal precedente quando um sufixo iniciado por consoante nasal é anexado a uma base terminada em vogal oral. Ilustramos essa situação com os exemplos a seguir.

20)			
[i'ʃĩ]	/i=ʃĩ/ 1SGP= irmão	'meu irmão'	(EL)
[i'ʃĩne]	/i=ʃĩ -ne/ 1SGP= irmão -FEM	'minha irmã'	
21)			
[ne'ka]	/neka/	'isso'	(EL)
[ne'kãma]	/neka -ma/ isso -FIN	'para isso'	
22)			
[wa'le]	/wale/	'porco'	(EL)
[wa'lẽne]	/wale -ne/ porco -FEM	'porca'	

De modo geral, vogal nasal ocorre apenas antes de consoante nasal na sílaba seguinte, como já vimos anteriormente. Do ponto de vista da análise fonológica tradicional, que se baseia em contrastes e complementação para identificar fonemas em uma língua, não pode ficar provado que existam vogais nasais fonológicas em Yaathe, uma vez que pares mínimos, pares análogos e distribuição complementar não foram encontrados.

Entretanto, vogais nasais breves fora de contextos nasais assimilantes, conforme descrito, ocorrem do modo que descrevemos a seguir.

b) sem consoante nasal na sílaba seguinte

Em alguns casos, não há consoante nasal seguinte na superfície e, mesmo assim, ocorrem vogais com qualidade nasal, como ilustram os exemplos 23) a 27). Não assumimos uma forma fonológica para esses morfemas.

23)	[i'fmã]	‘para mim’	(EL)
24)	[ã'hã]	‘sim’	(EL)
25)	[k ^h ofe'ã]	‘para’ (Benefactivo)	(EL)
26)	[ẽ'hẽ]	‘olhe’	(PR)
27)	['nũfa]	‘daqui pra frente’	(PR)

Para (23), podemos propor, em carácter hipotético, que as vogais finais nasais em Yaathe são reflexos de uma antiga sílaba nasal [nV] que sofreu apagamento.

No caso de [i'fmã] ‘para mim’, expressões semelhantes, como a descrita no exemplo (28), parece ser uma pista para confirmação da hipótese.

28)	[sak'mãna]	/sa ke -ma -na/	‘só para ele’	(PR)
		ele LOC -FIN -EXCL		

Quer dizer, [i'fmã] poderia ser uma forma reduzida de [i'fmãna] “para mim mesmo”, cuja sílaba final teria sido apagada deixando-se o traço [nasal], desde que se trata de um traço flutuante, estabilizado sobre a vogal precedente. Estabilidade do traço nasal é bastante produtiva na língua, como vemos nos casos de vogais longas nasalizadas que são resultado de

apagamento de sílaba nasal seguinte, constituindo alongamentos compensatórios, conforme descrito mais adiante.

Outros exemplos corroboram essa hipótese.

Também ocorre na língua uma variação entre ['nêma] ~ ['nê'mã] ~ [nê'mãno] com o mesmo significado de adição ou sequenciação textual: “e”, “então”. Esse exemplo mostra um processo de gramaticalização em curso, na verdade já muito adiantado, uma vez que a última forma parece só ocorrer na fala dos mais velhos.

Os exemplos 24) a 27) permanecem inexplicados. Apenas confirmam que ocorrem vogais nasais breves em Yaathe que não são, sincronicamente, resultado de operações fonológicas e que, assim, devem ser arroladas como fonemas da língua.

2) Vogais nasais longas

Vogais longas nasais em Yaathe parecem ser sempre o resultado de processos fonológicos. O processo fonológico mais produtivo em termos de criação de vogais longas é um que envolve nasalização e alongamento compensatório de uma vogal, conforme descrevemos a seguir.

a) Alongamento compensatório por apagamento de /-ne/

Para Costa (1999), as vogais longas nasais são realizações puramente fonéticas, criadas por um processo fonológico que opera nasalizando e alongando compensatoriamente uma vogal. Esse tipo de alongamento serve para compensar a unidade de tempo do elemento que foi elidido, basicamente o morfema que deriva verbos a partir de nomes e adjetivos /-ne/, como mostra a descrição dos exemplos (29) e (30), a seguir.

29)

[esĩ: 'dowa]	/esi-ne-dowa/	‘profundo’	(PR)
	fundo -VERB -PART.PAC		

30)	[eʔð:ˈdowa] ‘doente’	/eʔfo-ne-dowa/	‘doente’	(PR)
			doença -VERB -PART.PAC	

Os dados em (29) e (30) trazem exemplos de vogal longa nasalizada antecedendo o morfema /-dowa/, mesmo não havendo na superfície da palavra uma consoante nasal para espriar o traço de nasalidade. Esse caso complexo de nasalização é resultado de vários processos alimentados pela queda da sílaba /-ne/¹⁰ na palavra, como demonstramos nos exemplos a seguir.

31)	['kĩ:kʲa]	/kine -ka/	‘sentar’	(EL)
		sentar -IND		
32)	['kã:kʲa]	/kane -ka/	‘botar’	(EL)
		botar -IND		
33)	['kfẽ:kʲa]	/kfene -ka/	‘acreditar’	(EL)
		acreditar -IND		
34)	[eʔtʃð:kʲa]	/eʔfone -ka/	‘trazer’	(EL)
		trazer -IND		
35)	[tʃʰluʔtʃʰlũ:kʲa]	/tʃʰlutʃʰlune -ka/	‘atrapalhar’	(EL)
		atrapalhar -IND		

¹⁰ Em muitos casos, o elemento /-ne/ já está gramaticalizado, uma vez que a raiz originária à qual ele foi associado na derivação já não pode mais ser depreendida.

Nos dados de (31) a (35), temos casos de vogais longas que aparecem nasalizadas em sílaba inicial, conforme (31) a (33), e em sílaba medial de palavra, conforme (34) e (35), em sílaba tônica, seguida pelo sufixo [kʲa]. Este é um caso de nasalização que ocorre de forma complexa, de modo que a assimilação ocorre a partir do apagamento do sufixo /-ne/ nesses contextos, ocasionando o alongamento compensatório da vogal, que adquiriu a unidade de tempo dos segmentos que foram elididos.

Costa (1999) descreve as vogais longas criadas por alongamento compensatório:

- o segmento [+nasal +coronal] cai, depois de nasalizar a vogal da sílaba precedente;
 - a vogal da sílaba precedente alonga-se por incorporar a unidade de tempo da nasal elidida.
- [naha+ne+ka] ~ [nã:kʲa] ‘mostrar’ (COSTA, 1999, p. 69)

Segundo Silva (2016, p. 50), as raízes que sofrem alteração diante do morfema /-ka/ são consideradas fracas: "Diferentemente dos nomes, no verbo, em uma forma atualizada, que é a forma de citação, conforme descrita acima, o acento é fixo sobre a última sílaba. Entretanto, há uma divisão nas raízes verbais, que podem ser fortes, com acento na última sílaba da raiz, ou fracas, com acento na penúltima sílaba da raiz".

Podemos ver essa diferença nos exemplos (36) e (37) a seguir, quando comparados aos exemplos logo acima.

36)				
[eʃĩne'ka]	/e-ʃĩne-ka/	‘ele conta’	(EL)	
	3PSG -contar -IND			
37)				
[wene'ka]	/wene-ka/	‘abrir’	(EL)	
	abrir -IND			

Nesses casos, não ocorre apagamento da sílaba [-ne] nem alongamento compensatório. Entretanto, a vogal da sílaba precedente é nasalizada automaticamente em 36), mas não em 37). A diferença se dá pelo fato de a vogal em 37) ser uma vogal aberta, o que restringe a aplicação da regra.

Essa regra ocorre em diferentes ambientes, conforme podemos ver nos exemplos a seguir.

i) antes do morfema /-ho/

38)

[e't^hlõ:ho] /e= t^hlone -ho/ 'firme,seguro' (PR)
3SGS= segurar -AG

39)

[tshas'tê:ho] /tshastene -ho/ 'diferente' (PR)
ser-diferente -AG

40)

[se'kã:ho] /sekane-ho/ 'médico' (PR)
curar -AG

ii) antes do morfema /-se/

41)

['kĩ:se] /kine-se/ 'cadeira' (PR)
sentar -PART.LOC

42)

[fej'tõ:se] /fejtone-se/ 'ondetrabalha' (EL)
trabalhar -PART.LOC

iii) antes do morfema [-do'wa]

43)

[kĩ:do'wa] /kine-dowa/ 'sentado' (EL)
sentar -PART.PAC

Também podemos observar que essa vogal longa e nasal ocorre em sílaba acentuada e em sílaba não acentuada. Silva (2016, p. 76) afirma que:

Nesses verbos, ocorre um processo de alongamento compensatório: o morfema /ne/, causativizador, é apagado com os traços flutuantes dos seus segmentos – nasal e coronal – espalhando regressiva e progressivamente para os segmentos adjacentes. A vogal longa criada por esse processo recebe o acento principal. Os fatores que motivam esses processos são: a) apagamento de vogal fraca no final da raiz devido à distinção entre raízes fracas e raízes fortes; b) restrição de nasal em coda silábica

(estrutura silábica). A sílaba precedente, com um núcleo nasal ramificado, é vista como pesada para as regras de atribuição de acento na palavra verbal.

Apesar de esse tipo de sílaba ter sido considerada por Silva (2016) como sendo uma sílaba pesada em Yaathe, ela não é obrigatoriamente acentuada, pois só podem ser acentuadas sílabas que estão dentro da janela acentual da língua, que é de duas sílabas a contar do lado direito da palavra, conforme explicado por Silva (2016, p. 63): “Embora o acento recaia sempre sobre uma das duas últimas sílabas da palavra, ele não pode ser dito predizível, pois não é fixo. O acento em Yaathe é fonêmico, mas limitado em sua colocação, apresentando uma janela dissilábica do lado direito da palavra”.

Vale notar que vogal nasal longa criada pela aplicação desses processos fonológicos também ocorre em palavras que não são verbos – semanticamente falando-se – mas nomes, o que se dá quando um sufixo de gênero feminino é associado a uma raiz nominal, como mostram os exemplos a seguir.

44)				
[se'tso]	/setso/		‘índio’	(EL)
[se'tsõ:kia]	/setso -neka/ índio -FEM		‘índia’	
45)				
[ja'ded ^w a]	/jadedowa/		‘menino’	(EL)
[jade'dõ:kia]	/jadedowa -neka/		‘menina’	
46)				
['mlati]	/ 'mlati/		‘não índio’	(EL)
[mla'fĩ:kia]	/mlati -neka/		‘não índia’	

Embora se possa dizer que essas formas são cristalizadas, a hipótese que a forma subjacente desse morfema de gênero feminino é /-neka/ apoia-se na observação que todas as vogais longas nasais são resultado do processo de alongamento compensatório descrito.

b) alongamento compensatório por elisão da sílaba /ha/

Uma vogal nasal longa também é gerada por um processo de apagamento de sílaba constituída por uma consoante aspirada e uma vogal /hV/, como podemos ver em 50).

47)

[nã:ne'ka] /naha -ne-ka/ 'mostrar' (Lit.: fazer ver) (EL)
ver -CAUS -IND

Nesse caso, ocorre o apagamento da sílaba /ha/, que é parte da raiz do verbo. A nasalização da vogal da primeira sílaba se realiza porque essa vogal é agora a fusão de duas vogais, sendo que a segunda já era nasalizada automaticamente pelo espraiamento do traço nasal do morfema causativo. Podemos ter a seguinte formalização, representando a derivação da forma fonética em que se tem uma vogal nasal longa não acentuada.

Forma subjacente	/naha -ne -ka/
nasalização de vogal	nahãneka
apagamento de /n/	naãneka
alongamento compensatório	nã:neka
Forma de superfície	[nã:neka]

3.2.2.1 Restrições à regra de espraiamento do traço nasal

Alguns fatores restringem a regra de aplicação de nasalidade e, assim, vogais antes de consoante nasal na sílaba seguinte podem ser sempre orais. De modo geral, ocorrem dois tipos de restrições baseadas na natureza fonológica das vogais: alongamento fonológico, como ocorre em 48), e grau de abertura, como em 49).

48)

[to:'na] /to:na/ 'coisa' (EL)

49)
 [wene'ka] /wɛneka/ 'abrir' (EL)

Essas palavras são morfologicamente simples, isto é, não apresentam estrutura interna sincronicamente identificável, o que nos leva a considerar que suas pronúncias são idênticas a suas formas fonológicas e não resultado de aplicação de regras.

3.2.2.2 Ocorrência de vogais nasais fora dos contextos já descritos

Uma série de ocorrências diferentes de vogais nasais, sem que os contextos previstos para a sua realização existam, foram encontrados em nossos dados. A seguir, apresentamos os casos encontrados e procuramos explicações plausíveis para essas ocorrências.

a) alternância entre vogal oral e vogal nasal em sílaba final

Em alguns casos, há uma alternância entre a pronúncia da vogal em sílaba final entre vogal oral/vogal nasal. O contexto seguinte, nesse caso, é [∅], pelo menos no domínio da palavra. O exemplo 50) ilustra a discussão.

50)
 [to:'na] ~ [to:'nã] /to:na/ 'coisa' (PR)

b) nasalização de vogal antes de consoante não nasal

51)
 [to:'nãwa] /to:na-wa/ 'coisinha' (PR)

52)
 [to:'nãwna] /to:na-wa-na/ 'só coisinha' (PR)

53)
 ['nẽwa] /newa/ 'e, então' (EL)

Em 53), temos ['nẽwa] como uma forma que alterna com ['nẽma] ‘e, então’. Sá (2017, p. 75) faz a seguinte observação: “A realização desse morfema como duas diferentes parece apontar para uma evolução histórica em que /m/ → [wa] deixando a nasalização sobre a vogal precedente, o que não é esperado antes de [w].”

3) vogal nasal longa sem apagamento de sílaba

54)			
	[e'hẽ:ha]	‘em prol, benefício, bondade’	(PR)
55)			
	['fã:hã]	‘sozinho’	(EL)

4) cristalizações

56)			
	['ã:k'ia]	‘estória’	(EL)
57)			
	[sɛ'nẽ:k'ia]	‘coisa, estória’	(EL)
58)			
	[sok ^h lok'dõ:k'ia]	‘ano’	(PR)

Em todos esses casos, pode-se levantar a hipótese que se trata de criações de vogais nasais longas por meio do processo de alongamento compensatório. Entretanto, a depreensão dos morfemas que constituem as palavras não foi possível.

3.2.2.3 Vogal nasal em ditongos

Segundo Costa (1999, p. 11), na língua Yaathe não são permitidos grupos vocálicos, visto que, na maioria dos casos, duas vogais juntas sofrem fusão, crase ou alongamento compensatório. Ditongos, porém, não seriam grupos vocálicos, uma vez que os glides /j/ e /w/ são consoantes.

Sílabas constituídas por uma vogal nuclear e um glide na coda ocorrem em inicialmente e medialmente na palavra. Em final de palavra, sílabas com essa estrutura são fonéticas, isto é, criadas por processos fonológicos. Assim, diversas sílabas constituídas desse modo são atestadas. Em todas elas, a vogal do núcleo é oral, como mostramos nos exemplos a seguir.

59)

/i= o -ka -he/ → [dʒo'kahe] ~ [dʒo'kaj] 'eu irei' (PR)
1SGS= ir -IND -FUT

60)

[fo'wa i] → [fo'aj] 'pela serra' (PR)
serra TRAJ(POSP)

Observamos, porém, que ocorrem vogais nasais ou ditongos nasais em certas posições em que não há uma consoante nasal na superfície espreado o traço para os elementos vocálicos nasais. Em vez disso, temos um glide /w/ ou /j/, criando um ditongo decrescente.

61)

[jasaʃĩne'kãĩ] /ja= saʃĩne -ka -i/ 'enquanto nós descansamos' (PR)

62)

['hẽwĩ] /hemV/ 'não é? (MC)' (PR)

Uma hipótese possível seria a de que os glides /j/ e /w/ nessas posições seriam /n/ e /m/, respectivamente, em uma sílaba final cuja vogal final se apaga. Algumas evidências são encontradas, como é o caso para ['hẽwĩ] 'não é?'

Esse morfema ['hẽw̃] alterna com ['hẽm]¹¹ e com ['hẽ] como mostram os exemplos abaixo:

63)
[e'k^hla 'hẽm] /e-k^hla-hem/ ‘É muito, não é?’ (PR)

64)
[i uni'ka 'hle 'hẽ] /i- unika- hle-hem/ ‘eu já faço isso, né?’ (PR)

Observa-se aqui que as formas parecem ter evoluído de uma única, que hipoteticamente consideramos ser */hemV/. A forma em 63), onde /m/ ocorre na coda final, posição restrita para essa consoante em todos os dados observados e fato afirmado em trabalhos de descrição anteriores já citados, parece confirmar a nossa hipótese.

Observa-se aqui um processo de alternância, onde [m], [w] e [∅] se alternam, com estabilidade do traço nasal de modo a criar uma vogal nasal em ambiente não esperado.

Exemplo a seguir mostra um caso de ditongo nasal em sílaba medial.

65)
[fat^ho:'nẽwna] /fat^howa-ne-wa-na/ ‘umazinhasó’ (PR)
um -FEM -DIM -EXCL

Quando comparamos esse exemplo com o seguinte, que tem uma estrutura semelhante, vemos que a vogal no mesmo contexto não se torna nasal.

66)
[ne'kawna] /neka-wa-na/ “sóissozinho” (PR)
isso-DIM-EXCL

O que observamos é que a consoante que precede a vogal é nasal em [fat^ho'nẽwna] e oral em [ne'kawna]. Isso pode ser a explicação para o fato de termos um ditongo nasal em [fat^ho'nẽwna] mas não em [ne'kawna]. Teríamos, então, uma nasalização que opera a uma

¹¹ Em pelo menos um informante, a pronúncia é ['hẽm], mas como o [m] final sendo produzido como um murmúrio nasal sem passagem pelo trato oral, como quando emitimos ‘mmm’ em sinal de consentimento.

distância maior, uma vez que há um glide intermediário. Entretanto, para que a nasalidade "atravesse" esse glide é necessário que a consoante que precede a vogal alvo seja também nasal.

Outros exemplos que confirmam a hipótese são dados a seguir.

67)

[o:'kewna]	/o:ke -wa -na/	‘só bem aqui’	(PR)
	aqui -DIM -EXCL		

68)

[se'ti tʃo'sewna]	/setitʃose -wa -na/	‘só vassourinha’	(PR)
	vassoura -DIM -EXCL		

Um caso interessante de nasalidade de vogal ocorre quase que exclusivamente nos nossos dados na palavra ['lãwa] ‘mole’. Como já dissemos antes, não se encontra nos dados da língua – e já existem bancos extensos de dados, a maior parte exaustivamente descritos e analisados – contrastes entre vogais orais e vogais nasais. Entretanto, fatos interessantes emergem quando estamos nos dedicando a um aspecto preliminarmente pequeno do sistema.

Num *corpus* extenso como o a que tivemos acesso, além dos nossos próprios dados, encontramos essas duas formas derivadas de ['lãwa], por assim dizer.

69)

[lãmne'ka]	~	[lamune'ka]	‘amolecer’	(PR)
------------	---	-------------	------------	------

As formas em 69) mostram que um /m/ em uma sílaba seguinte nasaliza a vogal precedente antes de, possivelmente devido à queda da vogal átona, associar-se à coda de uma sílaba precedente, realizando-se aí como /w̃/ e criando um ditongo nasal. A vogal da segunda sílaba é mais fraca do que todas as demais vogais, apontando novamente para um processo em que a vogal depois de [m] em uma sílaba não acentuada reduz-se até apagar totalmente. Isso alimenta a passagem de [m] a [w], com nasalidade já espreada de [m] para a vogal precedente estabilizar-se após a perda da nasal no *onset* seguinte.

O sufixo /-ma/, descrito em trabalhos anteriores (COSTA, 1999; SILVA, 2016) como sendo um morfema de temporalidade simultânea, pode ser realizado com a vogal oral ou nasal, quando ocorrendo como o último elemento da palavra.

A hipótese aqui levantada é que a alternância é causada por um processo de nível mais alto, ou seja, /mã/ ocorre em fronteiras de sintagmas entonacionais enquanto que [ma] ocorre nos demais domínios.

No enunciado apresentado acima, há uma pausa longa entre ['nã:ma] e [i sa:tʰatkʲa], mas a vogal não é nasal. Logo, não se trata de considerar que a nasalidade ocorre antes de pausa, mas, em vez disso, em fronteira de domínio mais alto, como é o caso de enunciados fonológicos. Embora o falante faça aqui uma pausa longa, ele sabe que o enunciado não terminou.

Isso é diferente de quando o componente prosódico contendo a forma com /-ma/ final pertence a um domínio prosódico diferente do componente seguinte, como em (76), ou quando encontra-se no final de um enunciado, como em (77).

76)

[nẽ'mãno i sa 'kʰo: 'kʰã:ma i 'kʰoho tʰa'ka 'de to:'na 'lãwa 'ke]

/nemano i= sa= kʰoho kʰa -ma i= kʰoho tʰaka de to:na lãwa ke/

CON 1SGP= REFL= mão botar -IND 1SGP mão encostar? coisa mole LOC(POSP)

'Aí quando eu botei a minha própria mão, a minha mão encostou em uma coisa mole.'

77)

[ifdõnẽ'mã]

/i= fdone -ma/

1SGS= escorregar -TEMP.SIM

'Quando eu escorreguei. (Respondendo a uma pergunta.)'

(PR)

3.2.2.5 Gramaticalização

Os casos de nasalidade de vogais sem uma explicação sincrônica aparente podem ser fenômenos de gramaticalização.

78)

[i uni'ka 'hle 'hẽ]

/i o'wa ne'ka 'hle 'hẽ/

i= o'wa ne-ka hle hẽ

1SGS= isso fazer -IND já. AUX MC

‘eu já faço isso, né?’

(PR)

79)

[i ũni t^ha 'ke]

/i o'wa ne t^ha= ke/

i= owa ne t^ha= ke

1SGS= isso fazer 3PLO= LOC.POSP

‘eu faço isso nele’

(PR)

Os dois exemplos mostram que a vogal precedente a uma consoante nasal pode ser nasalizada ou não. No entanto, nos dois casos temos a mesma forma gramatical subjacente: /owa ne/, que está sendo interpretada ora como duas palavras, onde a regra de nasalidade não se aplica, ora como formando já uma única palavra e permitindo o processo se efetuar. Vale notar que os dois exemplos são enunciados de um mesmo falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no início deste trabalho, em território brasileiro tivemos perda de muitas línguas indígenas e das que restaram ainda são relativamente poucas as que foram estudadas, dado que só reforça a importância e urgência de estudos dessas línguas. Por esse motivo, nos dedicamos ao estudo de um aspecto fonológico da língua indígena brasileira, Yaathe, a função e o comportamento do traço nasal. Dessa forma, tentamos colaborar com a descrição e análise da gramática da língua, uma vez que procuramos verificar qual a função do traço nasal, em termos de distintividade, e o seu comportamento em relação tanto às regras de assimilação como a ocorrências em ambientes ainda não descritos por pesquisas anteriores.

Tomamos como base os trabalhos de Costa (1999), Cabral (2009) e Silva (2011; 2016). Para a descrição e interpretação dos dados aqui utilizados, nos guiamos por diferentes abordagens da Fonologia. Para a distribuir, organizar e entender a estrutura dos dados, de modo a distinguir o que é fonético ou fonológico, partimos dos conceitos clássicos estruturais. Para melhor explicação dos fenômenos encontrados, nos apoiamos em teorias mais modernas: A Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) que nos permitiu observar questões como o comportamento do traço em relação ao espriamento, flutuação, estabilidade; a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) nos auxiliou na explicação de fenômenos de espriamento ou de restrição à aplicação de regras nos domínios da estrutura prosódica.

Para observar todos os fenômenos atestados, utilizamos dados gravados na Universidade Federal de Alagoas e dados que pertencem ao Projeto de Documentação da língua Yaathe. Em dados de narrativa espontânea, observamos casos de nasalização que não haviam sido descritos em trabalhos anteriores.

Na terceira seção deste trabalho, apresentamos nossos achados referentes à função e comportamento do traço nasal no Yaathe. Em relação ao inventário fonológico da língua, encontramos em nossos dados um par mínimo para o segmento [ts^h], o que agora revela seu *status* de fonema, uma vez que esse segmento não tinha sido descrito em trabalhos anteriores.

No que concerne ao traço nasal em termos de distintividade, os únicos segmentos consonantais na língua em estudo são /m/ e /n/, que apresentam ocorrência ampla, em posição de início, meio e fim de palavra, em sílaba tônica ou átona, porém, apenas o /m/ pode ocupar a posição de coda silábica, sendo mais sistemático o /m/ em coda interna à palavra. Com relação às vogais, o traço nasal não tinha sido considerado um traço distintivo nos trabalhos anteriores.

Em relação ao comportamento do traço nasal de /m, n/, ocorre assimilação desse traço pela vogal precedente, quando a consoante /m, n/ ocupa a posição *onset* da sílaba seguinte na

mesma palavra. O espraçamento de [+nasal] não se efetua quando o /m/ é tautossilábico, ou seja, ocupa a posição de coda silábica, como em [mum.ni.'ka] ‘esfregar’. Isso mostra que o processo da nasalização ocorre no domínio da palavra, mas não no domínio da sílaba.

Um fenômeno peculiar, já descrito desde Costa (1999), que acontece na língua é que, em alguns casos, a nasalização é gerada a partir do apagamento do segmento /n/, quando é realizado como morfema /-ne/ ou, em certos casos, como uma sílaba final de raiz, antes de determinados morfemas. Antes de ser elidido, o morfema /-ne/ espraia o traço [+nasal] para a vogal que o precede, que, além de se tornar nasalizada, é alongada por incorporar a unidade de tempo do segmento que foi elidido, sendo, assim, gerada uma vogal longa nasalizada. Essa queda de /-ne/ pode ocorrer diante de diferentes morfemas como, /-ho/, /-se/ e /-do'wa /, como mostramos no decorrer desse trabalho.

Além desses casos, vogais longas nasalizadas também podem ser criadas a partir da elisão da sílaba /-ha/, como em /naha -ne -ka/ ‘mostrar’, que na superfície se realiza como ['nã:kja]. Nesse caso, há apagamento de parte da raiz do verbo e como já explicado no corpo do texto, a nasalização da vogal da primeira sílaba se realiza porque essa vogal é agora a fusão de duas vogais, sendo que a segunda já era nasalizada automaticamente pelo espraçamento do traço nasal do morfema causativo.

Vogais longas nasais em Yaathe parecem ser sempre o resultado de processos fonológicos. O processo fonológico mais produtivo em termos de criação de vogais longas é aquele que envolve nasalização e alongamento compensatório da vogal. De modo geral, observamos que a nasalização não se aplica em vogais longas fonológicas, como em [to:'nãwa] ‘coisinha’. Mas, há casos em que a nasalização ocorre na vogal alongada e não há apagamento de sílaba, como em [e'hê:ha] ‘em prol, benefício, bondade’; há casos em que essas vogais sofreram cristalização na língua, como em ['ã:kja] ‘estória’, não se podendo mais detectar a forma de base que as geraram.

Em alguns casos, ainda, podemos recuperar formas intactas, em que as sílabas ainda não foram apagadas, que se realizam em alternância. A partir desses exemplos, podemos fazer algumas suposições e propostas, como é o caso da nasalização final em [i'fmã], para o qual propomos que poderia ser uma forma reduzida de [i'fmãna] “para mim mesmo”, cuja sílaba final teria sido apagada, deixando-se o traço [nasal], visto que se trata de um traço flutuante, estabilizado sobre a vogal precedente.

Sobre ditongos nasais, observamos, em nossos dados que ocorrem vogais nasais ou ditongos nasais em posições em que não há uma consoante nasal na superfície espraçando o

traço para os elementos vocálicos nasais, assim, temos um glide /w/ ou /j/, criando um ditongo decrescente, como em [ja= saʃĩne'kã̃] ‘enquanto nós descansamos’.

No que concerne ao domínio do espraçamento do traço nasal, nossos dados mostram que a regra de nasalização de vogal poder ser aplicada entre duas palavras fonológicas quando a vogal precedente pertence a uma forma clítica, como em [ũ:na'ha], cuja forma subjacente deve ser /wa -ma naha/ ‘Vocês veem?’. Esses exemplos são de dados de fala espontânea, coletados de falantes idosos, conforme indicado no texto.

Apresentamos também alguns casos de nasalização opcional envolvendo o morfema de temporalidade simultânea /-ma/, em que a nasalização pode ser provocada por fronteiras de domínios prosódicos de nível mais alto que a palavra. Verificamos que [-mã] ocorre em fronteira de sintagmas entonacionais, enquanto que [-ma] ocorre nos demais domínios. Os dados analisados para esta hipótese foram muito poucos, o que sugere ser necessário uma busca mais acurada e uma análise envolvendo análise prosódica, tanto acústica quanto estatística.

Consideramos gramaticalização os casos de nasalidade de vogais sem uma explicação sincrônica aparente.

De modo abrangente, para Costa (1999), no Yaathe todas as ocorrências de vogais nasais seriam consideradas fonéticas, causadas por processos de ordem fonológica. Em nossos dados, como pode ser visto, não encontramos pares mínimos que demonstrem o contraste entre vogal oral e nasal, o que evidenciaria, de acordo com os modelos de descrição clássicos, que [±nasal] não é um traço fonológico da vogal. Entretanto, encontramos vogais nasais que, a princípio, não podem ser consideradas como resultado de processos de assimilação, do ponto de vista sincrônico e em uma análise linear.

Sabe-se que do ponto de vista da análise fonológica tradicional, que se baseia em contrastes e complementação para identificar fonemas em uma língua, não pode ficar provado que existam vogais nasais fonológicas nasais em Yaathe, uma vez que pares mínimos, pares análogos e distribuição complementar não foram encontrados. Entretanto, em nossos dados aparecem vogais nasais breves fora de contextos nasais assimilantes como em [k^hofe'ã] ‘para’ (Benefactivo).

Em alguns casos, pode-se falar de cristalização de formas que foram criadas por processos fonológicos e cujas formas subjacentes não mais são recuperáveis.

De modo geral, concluímos que ocorrem vogais nasais breves em Yaathe que não são, sincronicamente, resultado de operações fonológicas e que, assim, devem ser consideradas como fonemas da língua.

Em resumo, apresentamos os inventários fonológicos de consoantes e vogais, que são o resultado da nossa análise.

	Labial		Coronal				Dorsal		Glotal
			+ant		-ant		asp	asp	
		asp		asp		asp			
Não-contínuas	p	p ^h	t	d	t ^h			k	k ^h
Fricativas	f		s			ʃ			h
Africadas			ts		ts ^h	tʃ	dʒ	tʃ ^h	
Nasais	m		n						
Laterais			l			ʎ			
Aproximantes	w					J			

Quadro 4. Inventário das consoantes em Yaathe, acrescido do fonema [ts^h] (Fonte: Autora)

	Anteriores				Centrais				Posteriores			
	orais		nasais		Orais		Nasais		orais		nasais	
Altas	i	i:	ĩ	ĩ:					u	u:	ũ	ũ:
Médias altas	e	e:	ẽ	ẽ:					o	o:	õ	õ:
Médias baixas	ɛ	ɛ:							ɔ	ɔ:		
Baixas					a	a:	ã	ã:				

Quadro 5. Inventário fonético das vogais do Yaathe, acrescido de vogais nasais (Fonte: Autora)

Esperamos, assim, ter dado uma pequena contribuição ao estudo das línguas indígenas brasileiras, de modo geral, e ao estudo do Yaathe, essa língua que é um tesouro guardado por muitas gerações de Carnijó, os modernos Fulni-ô, em particular.

REFERÊNCIAS

CABRAL, D. F. *Descrição fonética de pitch e intensidade no nível da palavra em Yaathe (Fulni-ô)*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2007.

CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: PPGL/Universidade Federal de Alagoas, 2009.

CHELLIAH, Shobhana L., de REUSE, Willem J.. *Handbook of Descriptive Linguistic Fieldwork*. Springer. 1th Edition, 2011

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row, 1968

COSTA, J. F. *Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas*. Aspectos do contato Português-Ya:the. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1993.

COSTA, J. F. *Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999.

DIAS, C. S. *O comportamento do traço nasal em Yaathe, língua indígena brasileira*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2014.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povo Fulni-ô*. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pt/povo/fulni-o/>, Acesso em: 2 abr. 2017.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5ed, rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MEDEIROS, B. R. de. Vogais nasais no português brasileiro: reflexões preliminares de uma revista. *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 72, p. 165-188, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufpr.br/letras/article/download/7460/10507>. Acesso em 03/2016

MELO, J. A. *Gênero gramatical em Yaathe*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2010.

NESPOR, M. E VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OOSTENDORP, Marc van e WEIJER, Jeroen van de. *Phonological alphabets and the structure of the segment*. Disponível em: http://files.webklik.nl/user_files/2009_10/72522/Papers/Marc%20van%20Oostendorp%20&%20Jeroen%20van%20de%20Weijer%20-%20Phonological%20Alphabets.pdf, Acesso em 21/07/2017, 08:37.

OOSTENDORP, Marc van. *Autosegmental Phonology*. September 13, 2005. Disponível em: <http://www.vanoostendorp.nl/pdf/050913.pdf> Acesso em 21/07/2017, 08:04.

RATLIFF, M. (Eds.). *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Nasalização e fronteira de palavra em Maxakalí. *Anais do V Encontro Nacional de Linguística*. vol. II, p. 305-311. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. 1981. Disponível em; <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1981-nasalizacao>. Acesso em 03/2016.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. *Letras de Hoje*.v. 38., n. 4, p. 11-24. Porto Alegre. 2003. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-2003-silencio>. Acesso em: 03/2016

SÁ, H. F. *Documentação de narrativas de anciãos Fulni-ô*. (Dissertação de Mestrado). PPGLL/UFAL, 2017.

SILVA, F. *A organização prosódica do Yaathe, a língua do povo Fulni-ô*. (Tese de Doutorado). Maceió: PPGLL/Universidade Federal de Alagoas, 2016.

SILVA, F. *A sílaba em Yaathe*. Dissertação de Mestrado. Maceió: PPGLL/Universidade Federal de Alagoas, 2011.

SILVA, F. P. *Revisão da fonologia do Yaathe para uma proposta de uniformização da escrita na língua*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Maceió: PPGLL/UFAL, 2008.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*: roteiro de estudo e guia de exercícios. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009

SOUSA, M. S. *Marcação fonética do acento em duas classes de palavras da língua indígena brasileira Yaathe: nome e verbo*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió:UFAL/FALE, 2014.

SOUSA, M. S. *Análise acústica experimental da duração de vogais em Yaathe*. Dissertação de Mestrado. Maceió: PPGLL/UFAL, em andamento.